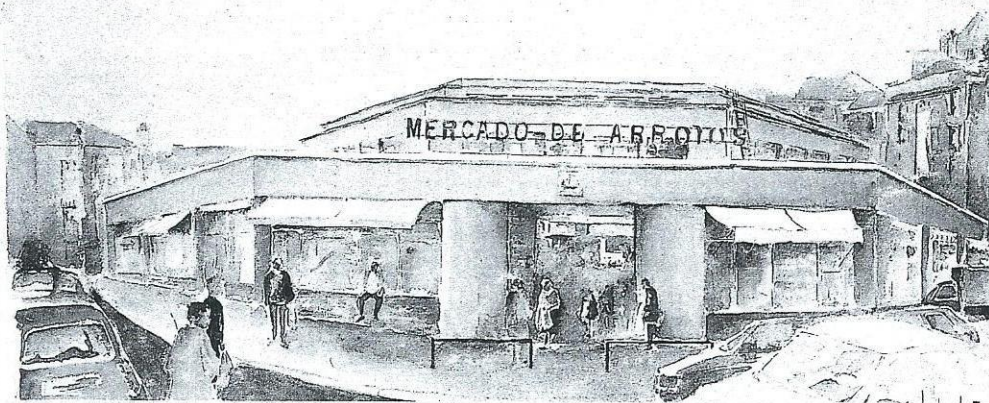


# MERCADO DE ARROIOS



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA  
DIRECÇÃO MUNICIPAL DE ABASTECIMENTO E CONSUMO

O abastecimento de produtos alimentares frescos constitui uma função secular da Autarquia de Lisboa, que tem actualmente como principal suporte a sua rede de Mercados Municipais, geralmente localizados em zonas estratégicas da cidade, onde desempenham, também, um importante papel de animação urbana.

Apesar da concorrência das novas formas de comércio, os mercados continuam a ocupar um lugar significativo nos hábitos de compra dos consumidores. Este facto, que decorre em grande parte da atractividade associada às suas características específicas, que lhe conferem uma verdadeira "identidade" no contexto do comércio de Lisboa, tem sido, um dos factores determinantes da política de modernização e revitalização destas estruturas, desenvolvida pelo Pelouro do Comércio e Abastecimento da C.M.L.

A promoção da "imagem" dos mercados, que é uma das componentes desta política, passa, também, pelo conhecimento e divulgação da sua história. Na sequência de anteriores edições dedicadas aos Mercados 24 de Julho, Sta. Clara e Campo de Ourique, coube agora a vez ao Mercado de Arroios, que se continua a afirmar como verdadeiro polo de comércio de uma populosa zona da cidade.

Paços do Concelho de Lisboa, Janeiro de 1996



Nuno Baltazar Mendes

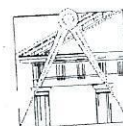
Vereador do Pelouro do Comércio e Abastecimento

3632

14 10 99

Mercado de Arroios

Câmara Municipal de Lisboa  
Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo



FACULDADE DE ARQUITECTURA  
BIBLIOTECA



0330007525

Departamento de Estudos e Urbanismo Comercial

Departamento de Abastecimentos Urbanos

Emília Maria Velasco

Miguel Figueira de Faria

Margarida Fragoso

Luís Santos

Aguarela de Vítor Pinhão

Selegrafe

Imprensa Municipal

A Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo da Câmara Municipal de Lisboa, prosseguindo o seu louvável contributo na divulgação do património que se encontra sob a sua tutela lança um novo trabalho da responsabilidade da Dra. Emília Velasco.

O alvo seleccionado foi, desta vez, o mercado de Arroios tema nuclear que, como vem sendo hábito, serve igualmente de ponto de partida para um olhar mais vasto sobre a história do espaço urbano onde se encontra situado.

No texto que nos é oferecido reencontramos as referências obrigatórias dos grandes mestres olisipógrafos - de Júlio de Castilho a Noberto Araújo - e o sabor pitoresco da descrição da Freguesia de S. Jorge de Arroios, monografia plena de informação e vivência afectiva resultante das memórias de um autor, Pedro Garcia Anacleto, que nos legou outros trabalhos de investigação sobretudo ligados às estâncias termais portuguesas e às qualidades terapêuticas das suas águas.

### *A Sopa de Arroios*

*Aproveitando a oportunidade que nos é oferecida em prefaciarmos este novo trabalho da Dra. Emília Velasco, atendendo ao tema seleccionado, desde o primeiro momento que na nossa memória emergiu um desenho do pintor Domingos António Sequeira que passou à posteridade sob o título genérico de "A Sopa de Arroios".*

*"O desenho é o nosso entendimento a fixar o instante " definição feliz de Almada Negreiros, tantas vezes recordada pelo Escultor Lagoa Henriques nos seus insubstituíveis itinerários pedagógicos em torno daquela disciplina.*

*E com efeito a observação atenta de "A Sopa de Arroios" de Sequeira dá-nos uma panorâmica instantânea de um momento dramático vivido naquele espaço tornado palco dos sobressaltos de uma época difícil da História da cidade.*

*Do desenho nasceu também uma gravura ainda executada por Domingos Sequeira e Gregório Francisco de Queiroz.*

*Uma extensa legenda elucida-nos sobre a narrativa gráfica desenvolvida pelo autor informando-nos que "representa a distribuição dos alimentos que se repartia no Cruzeiro de Arroios aos infelizes emigrados que desampararam as suas terras assoladas pelo exército francês na invasão de Outubro de 1810, e foram acolhidos, hospedados, e sustentados pelos moradores de Lisboa".*

*A composição apresenta-nos um arejado largo em plano ligeiramente inclinado, confluindo para a parte mais elevada onde pontifica o conhecido cruzeiro de Arroios, verdadeiro ex-libris daquela freguesia lisboeta.*



*Uma arquitectura sóbria, despojada de elementos ornamentais sem contudo perder a elegância e a proporção, emoldura o espaço público invadido por uma movimentada multidão de emigrados e trauseintes. No conjunto enquadra-se o Palácio de Arroios, pertença do Conde de Linhares, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, do qual Domingos Sequeira era visita habitual tendo mesmo lugar reservado à mesa. O artista consciente do dramatismo daquele momento histórico procura fixar para a posteridade aquela invulgar ocupação do sítio de Arroios.*

*Cruzando em diagonal a composição, duas colunas militares, onde se distinguem peças de artilharia puxadas por juntas de bois, evocam o quotidiano belicista em que Lisboa - como muitas outras cidades europeias - mergulhara na sequência das invasões napoleónicas.*

*Mas a acção principal é a da repartição da sopa pelos que se refugiavam do exército francês.*

*Do lado direito localizam-se os pontos em que se processa a distribuição. O artista representa, intencionalmente, em fases diversas as etapas da operação: da confecção ao mexer da sopa, transporte e abastecimento dos necessitados que se concentram com as suas malgas aguardando o desejado momento. Obtida a dádiva a multidão instalava-se no lado oposto do largo transformado momentaneamente em arraial a céu aberto. Uma verdadeira sinfonia de chapéus e lenços caracteriza o ajuntamento. Apenas os mais pequenos parecem autorizados a aparecerem de cabelo solto. São mais os descalços que os calçados. Algumas personagens femininas olham com uma curiosidade nostálgica a "câmara" que, oculta, fixou num dia do ano de 1810 aquele sugestivo instantâneo, do qual se conservam estudos preparatórios no Museu Nacional de Arte Antiga onde também se guarda o original.*

*Uma imagem fundamental no "corpus" iconográfico da Cidade e indissociável da história da freguesia de Arroios, cuja evolução através dos tempos é, em boa hora, evocada na presente monografia.*

Esta nova produção dedicada aos mercados da Capital - e recordemos ser esta já a quarta incursão depois de 24 de Julho, Santa Clara e Campo de Ourique - persuade-nos da possibilidade de que, num futuro não muito distante, a autora e a Direcção Municipal de Abastecimento e Consumo da Câmara Municipal de Lisboa, se lancem num trabalho de síntese que nos dê uma visão de conjunto actualizada sobre a História do abastecimento alimentar da cidade de Lisboa.

Este título muito enriqueceria os estudos lisiponenses, área de investigação que parece viver um sopro de renovação espelhado nas mais diversas iniciativas e realizações, constituindo já hoje tema de uma cadeira especializada na licenciatura de História da Universidade Autónoma de Lisboa que, em boa hora, acolheu e deu forma a um sonho antigo desse consagrado estudioso de Lisboa que é o Professor José-Augusto França, retomando uma tradição infelizmente interrompida há já algumas décadas.

Miguel Figueira de Faria



O sítio de Arroios era antigamente uma zona caracterizada pela existência de um grande número de hortas, prados e quintas. Beneficiava duma situação geográfica privilegiada - situava-se num vale, repleto de ribeiros que iam desaguar ao Tejo. Era, por isso, uma área bastante fértil e nela abundavam os terrenos cultiváveis. Tinha duas artérias principais por onde passava toda a sua actividade - a Estrada da Charneca e a Estrada de Sacavém, actuais ruas Carlos José Barreiros e Quirino da Fonseca, respectivamente. Estas duas estradas possuíam portas de entrada na cidade e funcionavam simultaneamente como barreiras alfandegárias e

postos de despacho. Nelas davam entrada, pelas primeiras horas da madrugada, os vendilhões dos arredores de Lisboa que aqui vinham fazer o seu negócio. Até ao início deste século, Lisboa acabava em Arroios. Para norte da actual Praça do Chile (homenagem toponímica de Lisboa àquela cidade sul-americana), proliferavam as hortas e retiros que tanto deliciavam os boémios como os pacatos cidadãos. Todos eles buscavam aí bons ares e famosos pitéus, à sombra de telheiros ou árvores de frutas. De Arroios até Sacavém ficavam as quintas, então célebres, da Maria José e do Filipe e os retiros não menos famosos do Papagaio, dos





Pacatos, do Mexe-Mexe e da Perna de Pau. Aos domingos, os lisboetas encontravam aí os seus divertimentos preferidos - a boa caldeirada, a sardinha assada com pimentos, o leitão assado e o peixe frito com alface, tudo regado com a boa pinga que escorria dos canjirões para as canecas de barro. O repasto era geralmente seguido duma valente soneca à sombra de qualquer árvore e para os menos calões a digestão fazia-se num "pézinho de dança" ou jogando ao chinquilha.

6

Os retiros da Estrada de Sacavém eram procurados por boémios e poetas para alguns momentos de lazer mas eram também locais de paragem no percurso que os saloios faziam até à Praça da Figueira, para aí tomarem a sua primeira refeição. Como nos diz Pedro Garcia Anacleto, *"As carroças que então entravam na cidade, estacionavam por ali, aguardando a hora da abertura das portas e,*

*ao alvorecer, os condutores desses transportes de hortalça, em que predominava o nabo, entravam na loja e tomavam uma caneca de café, de dois decilitros e meio, por dez réis, um quarto de pão simples por igual quantia, acrescida de vinte réis, se levava manteiga, e um cálice de aguardente, por dez réis. À luz ténue do gás, o homem sadio do campo ingeria aqui o seu primeiro alimento, entremeado de conversas da maior simplicidade".*

Na velha Estrada da Charneca existiu durante séculos um chafariz mandado construir, por volta do ano de 1398, à custa do real d'água. No ano de 1935 foi derrubado por necessidade de urbanização da actual Rua Carlos José Barreiros.

Arroios tinha também as suas construções nobres, sobretudo do período de Seiscentos, como é o caso dos Palácios dos Condes de S. Miguel, dos Condes de Mesquitela e de Pancas. No primeiro ficou instalado, nas vésperas da Batalha de Alcântara, D. António Prior do Crato, amigo do então proprietário, Diogo de Botelho. O palácio que ocupava parte dos terrenos das actuais ruas António Pedro e Arroios, serviu posteriormente de colégio de rapazes. Em 1845 morava nele D. António Luís de Sousa Coutinho, Conde Barão de Alvito. Volvidos dez anos, coube a vez a uma fábrica de tecidos de lã, fundada por José António Teixeira que deu origem à Fábrica de Lanifícios de Arroios. Norberto de Araújo e Luís Pastor de Macedo, ao contrário, localizam-na num outro Palácio - o dos Condes de Mesquitela, de que falaremos adiante. Em 1873, o Palácio de S. Miguel serviu de estação dos caminhos-de-ferro Larmanjat. Mais tarde, no local onde se erguia o Palácio, esteve a Fábrica de Cerveja Leão que aí se manteve até 1916, deixando o edifício a uma serração e depósito de madeiras.

O palácio de Murça, depois Mesquitela, veio da herança de Afonso de Albuquerque, filho. Com o terramoto de 1755, o edifício ficou bastante arruinado salvando-se, contudo, a capela que em determinada altura, serviu de sede de paróquia por motivo de obras na Igreja de S. Jorge. Nela estiveram depositados os restos mortais do Padre Desembargador e Inquisidor Pascoal de Melo que faleceu na Rua de Arroios em 24 de Setembro de 1798 e que seriam transferidos para o cemitério dos Prazeres em Agosto de 1873.



Segundo Pastor de Macedo, o palácio ardeu totalmente em 23 de Julho de 1894.

Outro célebre palácio foi aquele que Domingos Sequeira registou no desenho "A Sopa de Arroios" e que se vê em primeiro plano, do lado direito, encostado ao viaduto. É o Palácio de Pancas e pertenceu na primeira metade de Seiscentos ao Desembargador André Valente, que viria a dar o nome a uma transversal da Calçada do Combro.

Até finais de Oitocentos, Arroios apresenta-se pois, como um subúrbio pouco povoado e de casario disperso, onde abundam pequenas hortas e quintas e, aqui e ali, um ou outro palácio. O grande passo para a urbanização desta zona será dado pela abertura do eixo que liga o centro da cidade ao Areeiro, a Av. Rainha Dona Amélia, actual Almirante Reis. Em volta dela ergueram-se bairros de construção modesta e também de feição burguesa, para abrigar a população que ao longo dos tempos abandonara os campos para se fixar na capital.

Pensa-se que a sua criação deve remontar ao período da nacionalidade aparecendo já referenciada numa escritura de 1169. Pedro Garcia Anacleto diz que terá sido criada pelo 2º Bispo de Lisboa, D. Álvaro. Segundo Augusto Vieira da Silva, no seu estudo sobre as freguesias, esta paróquia já é citada numa escritura de 25 de Maio de 1168, e admitiu-se ainda a hipótese de a Igreja de S. Jorge, à Sé, ter sido elevada a sede de paróquia no dia 1 de Janeiro de 1149.

A paróquia eclesiástica foi instituída num local próximo da Sé, entre as ruas do Limoeiro e do Barão. Era considerada, logo a seguir à Sé, a mais importante, chegando mesmo a realizar-se nela o culto quando aquela estava em obras.

Após o terramoto, a paróquia transitou para a ermida de Santa





Bárbara, no Largo do mesmo nome, no sítio de Arroios. Foi depois para a ermida da Boa Sorte às Olarias. Posteriormente, cerca de 1798, passou para a ermida de Santa Rosa de Murça, do Palácio de Murça, em frente ao Caracol da Penha a Arroios.

A 8 de Novembro de 1829 foi transferida para o Largo do Cruzeiro de Arroios. De 14 de Março de 1895 a 12 de Junho desse ano, esteve na capela de N. Sra. do Póculo, no Palácio dos Condes de Linhares, já demolido, na Calçada de Arroios. Em seguida, foi para a igreja do antigo convento de N. Sra. da Conceição e, finalmente, depois de todas estas andanças, acabou por fixar-se na já remodelada igreja do Largo do Cruzeiro em Arroios, no dia 1 de Janeiro de 1898.

Em 1916, por decreto de 8 de Junho, a Paróquia civil passou a chamar-se Arroios, nome que quase todos os estudiosos do local atribuem ao facto de, no passado, ser percorrido por imensos ribeiros que alimentavam hortas e quintas. Deixamos também aqui a hipótese apontada por Vilhena Barbosa que diz que o nome vem de umas ervas chamadas arroyos que ali existiam.

Com a remodelação paroquial da cidade de Lisboa em 1959, pelo Decreto Patriarcal de 25 de Março, a freguesia civil de S. Jorge passou a integrar as paróquias de S. Jorge de Arroios e do Imaculado Coração de Maria.

Segundo um estudo elaborado por este Pelouro em Dezembro de 1990, a freguesia dispõe actualmente de um parque habitacional envelhecido e os casos de renovação visaram sobretudo ocupações terciárias. Deste modo, a inexistência de oferta dirigida a novos moradores e o afastamento de outros, gerou decréscimo significativo da população (na ordem dos 30%) entre 1960 e 1981. Em concomitância com a situação descrita verificou-se um aumento progressivo da faixa etária mais idosa.

Em termos de caracterização sócio-económica dos agregados familiares, salienta-se o nível de instrução ligeiramente superior à média das restantes freguesias de Lisboa, situação traduzida na percentagem da população que detém o ensino secundário ou que o ultrapassou. Ainda no que concerne aos representantes de cada agregado, merece referência a importância assumida pelos inactivos

(reformados e domésticas) que em conjunto atingem os 40 %.

No grupo dos habitantes activos, as categorias mais expressivas são as dos quadros técnico e científico, pessoal administrativo, comércio e serviços.

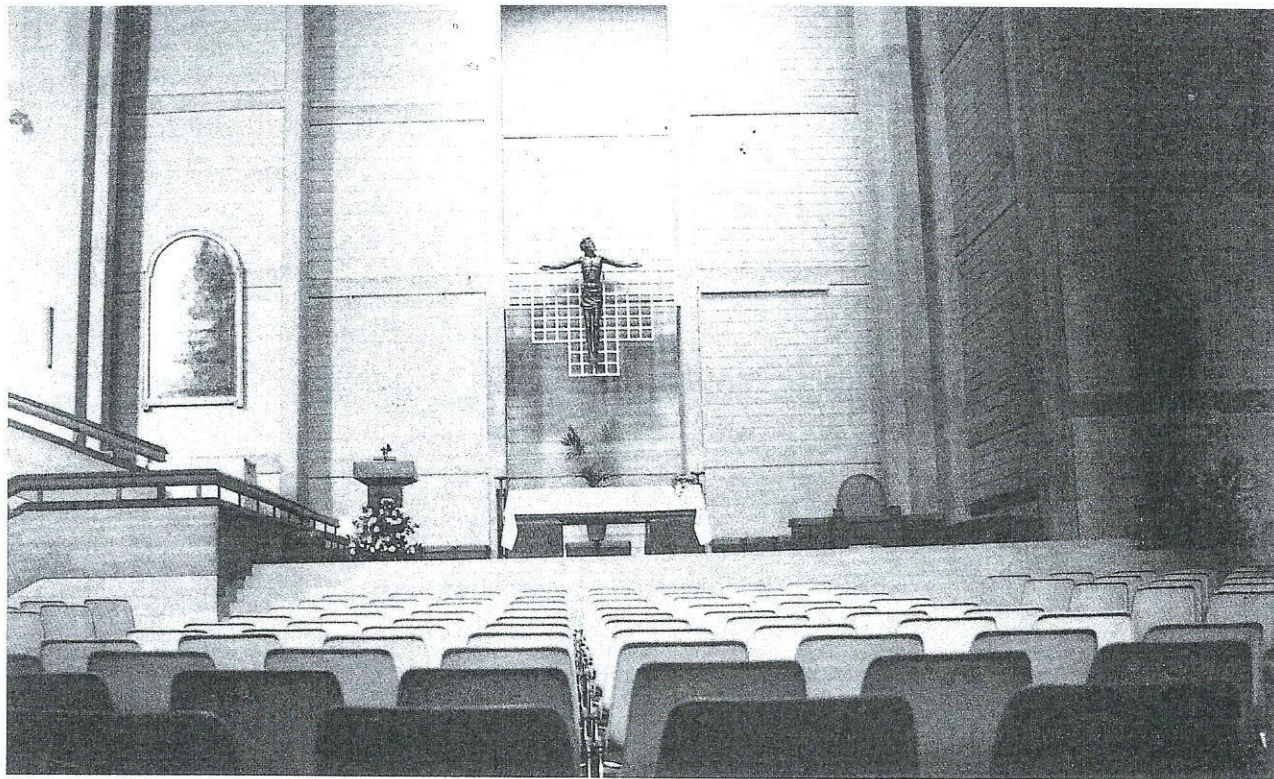
O rendimento médio dos agregados excede o das outras freguesias de Lisboa em cerca de 10 %, verificando-se, contudo, uma maior desigualdade na sua distribuição. No que respeita ao comércio, S. Jorge de Arroios revela uma boa dotação, particularmente na área não alimentar, sendo a freguesia que reúne maior número de estabelecimentos retalhistas. Tal como acontece na generalidade dos casos, os estabelecimentos estão na sua maioria isolados revelando, no entanto, um certo índice de integração tanto no Mercado, a nível do ramo alimentar, como no Centro Comercial a nível do não alimentar. Mantêm-se também predominantes a venda tradicional, o sistema de arrendamento e os estabelecimentos de pequena dimensão, que na sua maioria possuem um ou dois empregados.

No que diz respeito às compras de produtos de alimentação, higiene e limpeza, a maioria dos agregados de S. Jorge de Arroios realiza uma "compra forte", sobretudo com frequência semanal. Para tal, preferem o supermercado, seguindo-se-lhe o Mercado Municipal e a Cantina. Quase todas as compras alimentares são realizadas na área de residência, o que é compreensível dada a boa dotação comercial desta zona.

Tal como na maioria das restantes freguesias, a Sexta-feira e o Sábado são os dias escolhidos pelos habitantes para se abastecerem destes produtos.

**J**orge era um soldado da Palestina que tombou morto por confessar perante um rei ímpio a fé cristã. A lenda medieval associa-o também à morte de um dragão. Numa cidade da Líbia, chamada Silene, era costume oferecer em sacrifício um ser humano,





IV

tirado à sorte, para aplacar a fúria de um terrível dragão. Certo dia, calhou a vez à filha única do rei. Quando a vítima já ia ser imolada, Jorge surgiu a cavalo e conseguiu libertá-la. Feriu o dragão com a lança e conduziu-o à cidade onde fez prometer aos habitantes receber o baptismo e, de seguida, matou o dragão.

Durante toda a Idade Média o culto de S. Jorge alastrou pela Gália, Itália e Inglaterra e, ao que parece, chegou a Portugal trazido pelos cruzados ingleses que vieram auxiliar Afonso Henriques na conquista de Lisboa. Os reis que lhe sucederam, aceitaram sempre com agrado todas as manifestações religiosas em honra do santo. D. João I, por exemplo, introduziu a imagem de S. Jorge montado a cavalo na procissão do Corpo de Deus e determinou que se atribuísse ao santo guerreiro a missão de patrono daqueles que trabalhavam com o ferro e o fogo. No dia da procissão, a imagem de

S. Jorge, sempre em lugar de relevo, precedia os representantes dos ofícios, os quais se apresentavam com as suas insígnias e os seus trajes de cerimónia. Também Nuno Álvares Pereira, após a batalha de Aljubarrota, mandou erigir no local da luta uma capela invocativa a S. Jorge e, em Lisboa, o Senado da Câmara determinou que se realizasse uma procissão em homenagem ao mártir. Ao castelo da capital foi também dado o nome do Santo.

**A**ntiga igreja de S. Jorge de Arroios (1829), muito pequena, cedo deixou de poder contemplar o crescente número de paroquianos. Por essa razão, começou a ser demolida nos primeiros dias de Julho



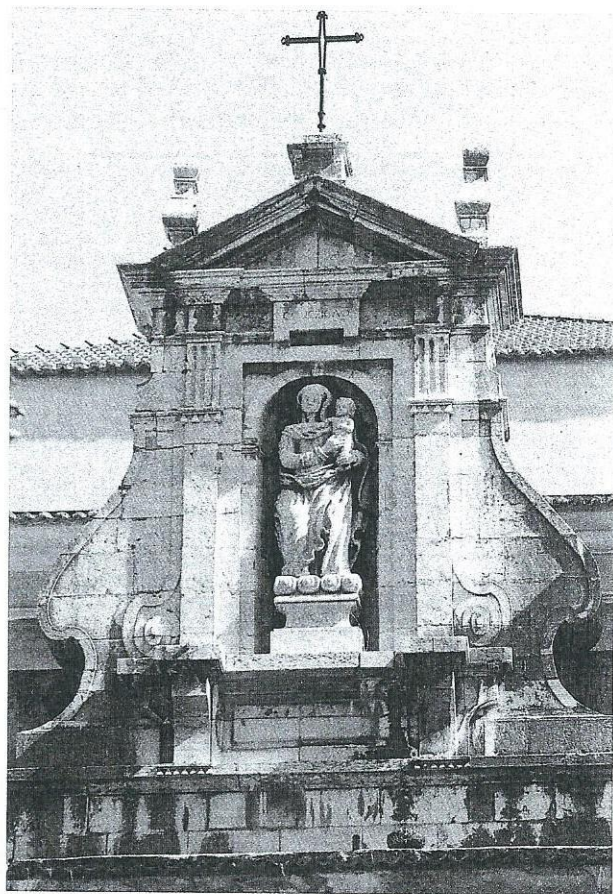
Criado em 1705 sob a invocação de N. Sra. da Nazaré, destinava-se à formação dos futuros missionários jesuítas para a Índia. Para a sua construção contribuiu a Rainha Dona Catarina de Bragança com cerca de 50 000 cruzados.



VIII

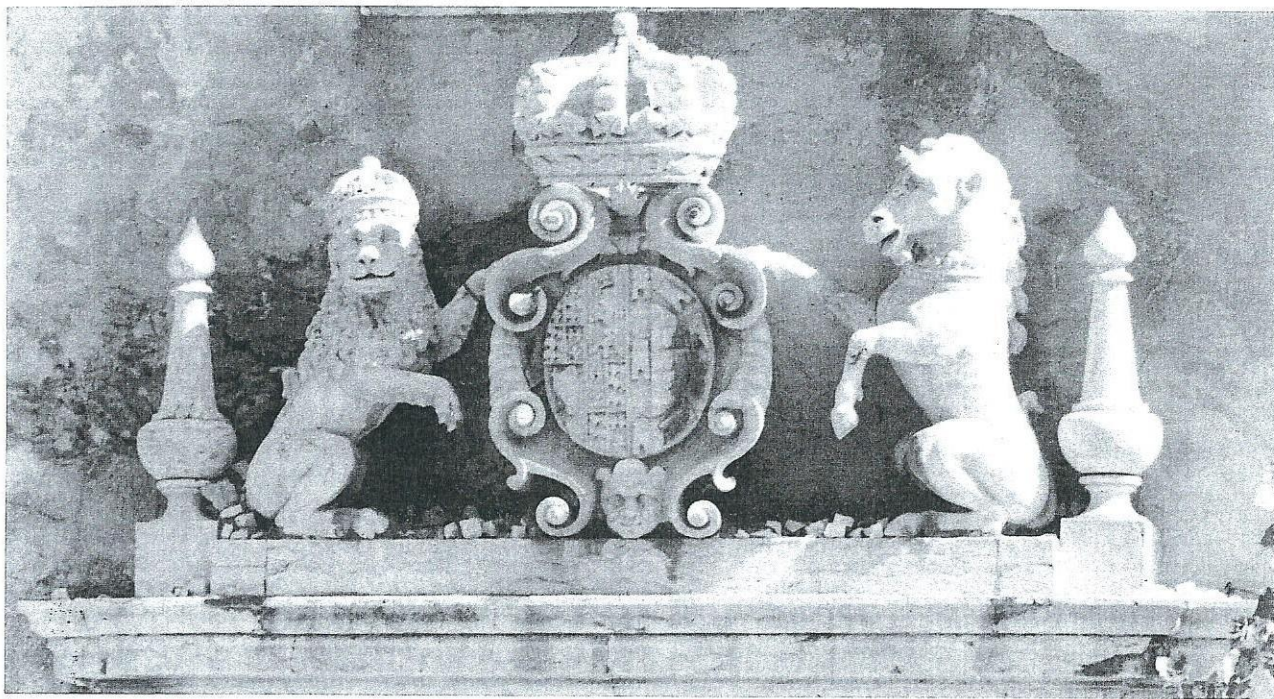
Quando Pombal ordenou a expulsão dos jesuítas do país, o convento foi cedido às religiosas seráficas da Conceição de Maria, de Carnide, cujo mosteiro havia sido destruído pelo terramoto. Por altura das guerras civis, as freiras passaram para o convento de Santos-o-Novo, e as tropas constitucionais ocuparam todo o edifício até final da luta.

Com a secularização das casas religiosas, o convento foi transformado em hospital para doentes atacados pela febre amarela



IX





e peste bubónica. Por volta de 1880 foi destinado ao tratamento de tuberculosos e recebeu o nome da Rainha Dona Amélia que tanto contribuiu para a luta contra esta doença.

Como edifício barroco, nada tem de especial, a não ser o portal da igreja sobrepujado pelo brasão com as armas reais de Portugal e Inglaterra da Rainha Dona Catarina. A fachada é rematada por duas torres que ladeiam um tímpano central com a imagem de N. Sra. da Conceição.

O mercado fica situado no Bairro dos Actores, num espaço entre a Alameda D. Afonso Henriques e a Praça do Chile.

Foi oficialmente inaugurado em 28 de Fevereiro de 1942 e iniciou a sua actividade no dia seguinte.

A imprensa e o público logo o baptizaram com o nome do bairro onde foi construído - Mercado do Bairro dos Actores, nome que, no entanto, acabariam por esquecer.

Foi criado como mercado retalhista com carácter definitivo para substituir um estabelecimento decadente que existia perto, o velho Mercado do Poço dos Mouros, que até então servia aquela zona.

Apresentou à partida três novidades bastante significativas da actuação do Município em matéria de abastecimento.

Assim, salientamos em primeiro lugar, o facto de este mercado entrar em funcionamento em simultâneo com a aplicação do novo Regulamento Geral de Mercados de Lisboa aprovado em 1941. Isto implicava, por parte dos comerciantes, a modificação de



determinado tipo de comportamentos, formas de vender e apresentar os produtos, bem como o respeito pela arrumação e ordenação nos pontos de venda.

A segunda novidade em termos de mercados portugueses foi a implantação de um posto sanitário devidamente equipado com todo o material especializado como um ovoscópio, frascos para recolha de análise, etc., onde eram inspeccionados todos os géneros que ali entravam.

A terceira inovação que este mercado apresentou foi um matadouro para aves, pequenos animais e preparação de caça. O matadouro ficava situado na cave para evitar a acumulação de penas e outros detritos no recinto de vendas.

O edifício é do risco do arquitecto Luís Benavente e foi construído em betão armado e revestido a mármore pela Sociedade de Construções Amadeu Gaudêncio. Apresenta uma planta polygonal e ocupa uma área de 3 970 m<sup>2</sup>. Tem quatro entradas viradas a outras tantas ruas, a saber: Lucinda Simões, Actor José Ricardo, Ferreira da Silva e Eduardo Brasão. A rua em que está implantado chama-se Angela Pinto.

Sem querermos ser exaustivos tentaremos descrevê-lo o melhor e mais brevemente possível.

A construção do edifício obedeceu aos mais modernos requisitos de comodidade, higiene e conforto.

À data da inauguração foi considerado um mercado amplo, elegante e higiénico e encontrava-se dividido em dois pisos. Logo à entrada existia uma planta de localização das lojas (num total de trinta e uma), lugares (trezentos) e respectivos produtos.

As lojas eram sobretudo destinadas a talhos, salsicharias, venda de frutas e laticínios.

Foi planeado de modo a que a venda dos diversos produtos como peixe, criação e ovos, batatas, frutas e hortaliças se realizasse em sectores independentes.

Os talhos como quase todos os outros estabelecimentos tinham balcão de mármore e montras com rede.

Os sectores do peixe situavam-se nas extremidades do mercado, bem como os das batatas, cebolas, favas, ervilhas e hortaliças.

Imediatamente a seguir ficavam os sectores para hortaliças também, e para criação.

Os sectores do centro destinavam-se exclusivamente para a venda de frutas e plantas.

No centro descoberto do mercado fica a rotunda em mármore, com quatro fontes e canteiros onde se vendiam vasos, plantas, flores e sementes.

Inicialmente, o município não permitia neste mercado a venda de outros géneros que não fossem próprios, tais como, quinquilharia, drogaria e vestuário.

Em cada sector havia lavatórios de mármore, caixas de ferro para recolher os desperdícios das lavagens e numerosos recipientes metálicos para o lixo.

A rede de abastecimento de água garantia um serviço contínuo e eficaz através das bocas de rega acondicionadas em nichos de mármore e localizadas de forma a permitirem a completa e rápida lavagem de todo o mercado.

A iluminação e a ventilação eram asseguradas pelas janelas, frestas e pátio central.

A ventilação foi regulada de maneira a obter uma atmosfera adequada, fazendo-se a da cave por cinco aberturas, uma das quais, ao centro, com 5,40m de diâmetro e por chaminés de tiragem natural e tiragem periódica de comando automático e as das lojas por bandeiras móveis superiores.

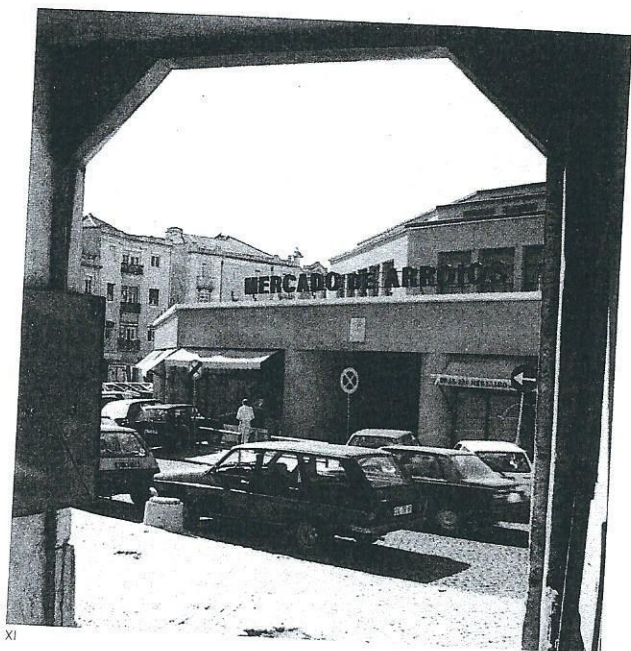
A iluminação natural do rés-do-chão fazia-se por 1270m<sup>2</sup> de superfícies abertas ou envidraçadas.

O edifício possuía também luz eléctrica adequada à vigilância e exploração do seu interior. O claustro central, aberto sobre o pátio media 170m<sup>2</sup>, totalizando as janelas e frestas respectivamente, 200 e 380m<sup>2</sup>.

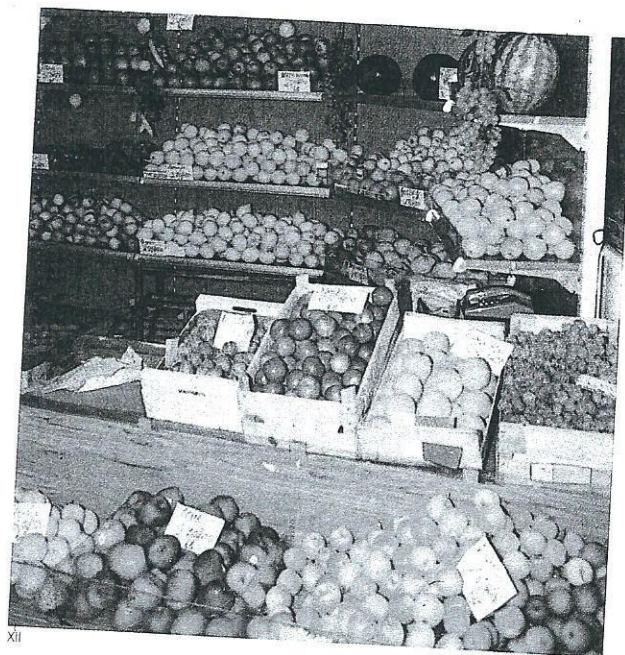
As montras com caixilharia metálica e as bandeiras móveis das lojas prefaziam a área de 720m<sup>2</sup>.

O piso inferior destinava-se a várias funções com instalações próprias consoante a finalidade.

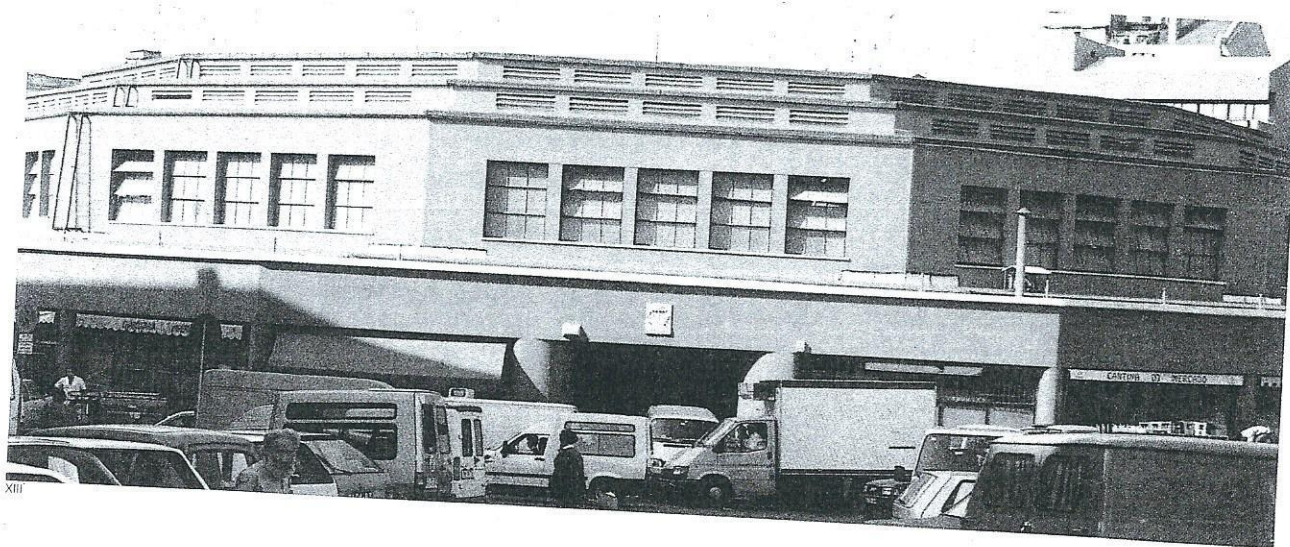




XI



XII



XIII



Assim, era aqui que se preparavam e embalavam os produtos, devendo o tipo de embalagem ser indicado pela Câmara. Para tal havia mesas próprias com lavadouros.

Era na cave que se situavam as arrecadações para produtos e o vestiário dos comerciantes bem como os lavabos, W.C. e chuveiros. Era aqui que estava instalado o matadouro como já foi referido bem como, uma cabine eléctrica com duas instalações diferentes: uma para servir todos os dias e a outra apenas para as festas.

**D**o ponto de vista de concepção, o mercado é constituído por estrutura reticulada de betão armado (simetria radial), preenchida com panos de alvenaria.

As paredes exteriores são de alvenaria de tijolo, revestidas a reboco e pontualmente em pedra (remate das montras e terraços). Por vezes apresenta combinação de outros materiais como betão armado e elementos metálicos.

Nas paredes interiores os materiais utilizados são os mesmos.

O revestimento das paredes da cave é em azulejo e reboco.

No rés-do-chão os lambris do corredor periférico são revestidos de placagem de pedra e reboco.

Para os pavimentos, de tipologia diversificada, escolheram-se ladrilhos de grés e cerâmicos.

O revestimento de algumas zonas de serviço consiste em marmorite. A área de circulação é revestida a mosaico de pasta de cimento.

A cobertura plana não visitável é feita em betão armado.

A zona central do edifício é coberta com chapas metálicas opacas e o anel do topo com placa translúcida, suportadas por uma estrutura metálica que se desenvolve radialmente numa área circular.

A impermeabilização da cobertura em terraço consiste em tela betuminosa revestida a grão de xisto.



XIV

**E**m finais da década de oitenta, ou seja, quarenta anos depois da entrada em funcionamento, foi feito pelo Laboratório Nacional de Engenharia Civil, num trabalho integrado num convénio com o Município, um levantamento do estado de conservação do edifício. No relatório, apesar de se sublinhar a boa qualidade de concepção do edifício, registou-se uma série de anomalias que urgia resolver: degradação dos materiais de construção, ao longo do tempo, bem como, insuficiente conservação e manutenção das instalações; paramentos interiores, caixilharias dos vãos e tectos em estado precário; impermeabilização deficiente da cobertura, não conseguindo impedir, em determinadas zonas, sobretudo nas juntas de dilatação, as infiltrações de água; condições de



exploração bastante deficientes, sobretudo nos locais de venda da cave; rede de águas carecida de uma profunda reparação e eventualmente algumas substituições dos seus elementos; rede eléctrica insuficiente para alimentar o equipamento de frio exigido por lei para conservação de produtos como, por exemplo, o peixe congelado.

Uma vez que o Mercado de Arroios havia sido classificado como edifício de interesse cultural pelo então Instituto Português do Património Cultural, a remodelação projectada procurou respeitar os parâmetros do risco original do edifício e dotar esta estrutura comercial das melhores condições de habitabilidade e salubridade de acordo com as novas exigências da distribuição alimentar.

O projecto de remodelação visou todo o Mercado e desenrolou-se em duas fases. Numa primeira etapa fez-se a remodelação da

cave; na segunda a do rés-do-chão. Assim, a cave foi dotada de seis lojas (actualmente encontram-se quatro em funcionamento: peixe congelado, bacalhau, roupa, queijo e enchidos).

Acrescentaram-se duas câmaras frigoríficas, passando a existir quatro: uma para carnes, outra para pescados frescos, outra para hortofrutícolas e outra para aves. O pavimento foi totalmente renovado e as paredes forradas a azulejo. As infraestruturas (casas de banho, arrecadações e um novo vestiário para o pessoal e Administração) de apoio foram também beneficiadas. Renovaram-se os dois vãos de escada em betão armado que ligam o rés-do-chão à cave. No rés-do-chão projectaram-se pequenos espaços comerciais encerráveis no centro do mercado, destinados a venda de flores e fruta e no centro a quinquilharias, roupa e vergas.

Ainda no rés-do-chão remodelaram-se todos os sectores de



XV



XVI



lugares de terrado: peixarias, criação, horto-frutícolas, etc. Instalou-se uma máquina de gelo. Substituiu-se o monta-cargas. Toda a instalação eléctrica foi substituída com reforço da respectiva potência e introduziu-se um novo posto de transformação em lugar do antigo. Procedeu-se também à instalação de uma cabine telefónica no interior do mercado. A rede de águas foi totalmente substituída bem como a rede de esgotos nos sectores onde se localizam os lugares. Colocaram-se insectocutores no interior do edifício. Ao nível do exterior, as paredes foram pintadas de amarelo ocre e fez-se a sinalização em néon do Mercado. Actualmente decorrem os trabalhos necessários para a instalação do contentor compactador de lixo que visa a melhoria da imagem e as condições higio-sanitárias do mercado.

Está em estudo a possibilidade de instalar parquímetros na envolvente do mercado por forma a disciplinar o estacionamento de automóveis junto ao mesmo e facilitar a acessibilidade dos consumidores.



XVII

O Mercado de Arroios possui cerca de cinquenta e três lojas e duzentos e setenta lugares, onde o consumidor pode encontrar tudo o que necessita em termos de alimentação, bem como outros tipos de produtos, distribuídos da seguinte maneira:

#### LOJAS

Talhos	18
Talhos de miudezas	3
Talho de equídeos	1
Salsicharias	4
Criação	1
Peixe seco	2
Congelados	1
Charcutaria	1
Frutícolas	3
Snack-bar	1
Cantina	1
Floristas	6
Artigos de vestuário	1
Roupa	5
Bijuteria	4
Loiças	1

#### LUGARES

Hortícolas	93
Frutícolas	21
Horto-frutícolas	36
Criação	32
Peixe	48
Congelados	26
Depósito de pão	5
Bolos	3
Pão e bolos	3
Leitões	3





XVIII

Para finalizar este trabalho, além dos melhoramentos referidos anteriormente é de salientar a acção do Pelouro de Abastecimento e Consumo no que se refere à promoção do mercado e formação dos seus comerciantes. Assim, desenvolvem-se regularmente acções de formação para os comerciantes dos vários sectores do mercado (carnes, peixes, horto-frutícolas), no sentido de melhorar o seu desempenho no atendimento como nos aspectos de higiene e apresentação dos produtos.

Nas épocas festivas realizam-se campanhas de animação com o

intuito de atrair mais consumidores ao mercado. Estas campanhas envolvem concursos de "O melhor ponto de venda", sorteios de cabazes de compras, eleição da melhor quadra popular, distribuição de folhetos informativos, oferta de brindes aos consumidores e acções de embelezamento do mercado.

Actualmente, apesar dos contratempos normais no dia a dia dum estabelecimento com estas características, é um dos mercados retalhistas da Capital com maior sucesso, classificado como Mercado Municipal de classe A.





## Bibliografia

ANACLETO, Pedro Garcia, «A Freguesia de S. Jorge de Arroios» *Revista Municipal*, Lisboa, 1960, p.15-42;  
«A Freguesia de S. Jorge de Arroios» *Revista Municipal*, Lisboa, 1961, p. 69-72

*Anais da Câmara Municipal de Lisboa*, 1938-49

ARAÚJO, Norberto de, *Peregrinações em Lisboa*. Lisboa, 1938, Livro 4, Cap. 9, p.79-87

CAEIRO, Baltazar Matos, *Os Conventos de Lisboa*. Lisboa, 1989, p.49-50

CASTILHO, Júlio de, *Lisboa Antiga: Bairros Orientais*, 2ªed. Lisboa, 1937, vol.3, Livro 3, Cap. 2, p.224-234

*Diário de Lisboa*, (6920) 1942, 28 Fev., p.5, Col.2

DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida*. Lisboa, Quimera Editores, 1990, vol.2, p.171-181

FERNANDES, José Manuel e outros, *Arquitectura do Princípio do Século em Lisboa, 1900-1925*. Lisboa, Câmara Municipal, Pelouro da Cultura, 1991, p.47

*Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Editorial Enciclopédia, vol.14, «Jorge»

JANEIRO, Maria de Lurdes, FERNANDES, José Manuel, *Arquitectura Modernista em Lisboa, 1925-1940*. Lisboa, Câmara Municipal, Pelouro da Cultura, 1991, p.38-69

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL, *Recuperação e Manutenção dos Mercados Municipais de Lisboa: ficha de inquérito relativa ao Mercado de Arroios* (Doc. nº 10). Lisboa, Abril de 1990 - Trabalho integrado num convénio com a C.M.

*Lisboa e Costa de Lisboa*. Guia Laranja, Lisboa, Editora Convergência, s.d., p.73

MACEDO, Luís Pastor de, *Lisboa de lés-a lés*. Lisboa, Câmara Municipal, 1940, vol.1, p.180-192

MONTEIRO, João, *A Estrada de Sacavém*. Lisboa, 1952, p.21-39

PATRIARCADO DE LISBOA, *Remodelação da cidade de Lisboa: Decreto Patriarcal de 25 de Março de 1959 com a descrição dos novos limites*. Lisboa, 1959

PÓVOAS, Maria Helena Godinho, VAZ, Luís, *História do Património escultórico em Arroios*. Lisboa, Junta de Freguesia de S. Jorge de Arroios, 1992

SILVA, Augusto Vieira da, *As freguesias de Lisboa*. Lisboa, Câmara Municipal, 1943, p.35-36; *Dispersos*. Lisboa, Biblioteca de Estudos Olisiponenses, 1968, vol.1, p.233-235